

ENTRE A IMAGEM E O VERSO: POESIA E FOTOGRAFIA COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA

Roberto Souto Duarte Pinheiro

Roberto Duarte

DUARTE, Roberto. ENTRE A IMAGEM E O VERSO: POESIA E FOTOGRAFIA COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA: Roberto Souto Duarte Pinheiro. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-a-imagem-e-o-verso-poesia-e-fotografia-como-experiencia-de-escrita>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-a-imagem-e-o-verso-poesia-e-fotografia-como-experiencia-de-escrita>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 24 de março de 2026

Resumo

Este ensaio discute a relação entre escrita poética e imagem fotográfica, considerando a fotografia como dispositivo de imaginação e como provocação estética para o surgimento do poema. A partir de reflexões teóricas de Gaston Bachelard, Octavio Paz, Roland Barthes, Paul Valéry, T. S. Eliot e Carlos Drummond de Andrade, propõe-se compreender a escrita da poesia como um processo que se desenvolve no intervalo entre o visível e o dizível. O texto assume caráter ensaístico, articulando reflexão teórica e experiência pessoal, buscando mostrar que a fotografia não funciona apenas como tema para o poema, mas como acontecimento que reorganiza a percepção e desencadeia a linguagem poética.

Palavras-chave: poesia; fotografia; imaginação; escrita poética; imagem.

1 Introdução

A escrita da poesia frequentemente nasce de um encontro. Nem sempre se trata de um encontro com a palavra, mas com algo anterior a ela: uma imagem, uma lembrança, um gesto ou uma paisagem que permanece na consciência mesmo depois de desaparecer diante dos olhos. Entre as diversas formas de experiência que provocam o impulso poético, a imagem fotográfica ocupa um lugar singular. A fotografia, assim como a poesia, pode ser compreendida como tentativa de deter o instante, de dar forma ao que é fugaz e de transformar o tempo em presença.

Escrever poesia a partir da fotografia significa trabalhar no limite entre ver e dizer, entre aquilo que se mostra e aquilo que precisa ser reinventado pela linguagem. Nesse sentido, a imagem não funciona apenas como objeto de

descrição, mas como provocação para a imaginação. O poema não nasce da fotografia como simples comentário, mas como resposta a um acontecimento perceptivo que desestabiliza o olhar habitual.

Este ensaio propõe refletir sobre essa relação entre poesia e imagem fotográfica, articulando experiência pessoal de escrita com contribuições teóricas de Gaston Bachelard, Octavio Paz, Roland Barthes, Paul Valéry, T. S. Eliot e Carlos Drummond de Andrade. Parte-se da hipótese de que a fotografia pode atuar como desencadeadora da linguagem poética ao produzir uma abertura imaginária que ultrapassa o campo do visível.

2 A imagem como acontecimento imaginário

Para Gaston Bachelard, a imagem poética não é mera representação da realidade, mas um acontecimento que irrompe na consciência e transforma a experiência interior. Segundo Bachelard (1957), a imaginação não reproduz o mundo, mas o recria, instaurando novas formas de perceber e de habitar o real. A imagem, nesse sentido, possui força própria, independente da intenção racional do sujeito.

Quando se observa uma fotografia, algo semelhante pode ocorrer. A imagem fotográfica não se limita a registrar um instante; ela pode abrir um espaço de imaginação que ultrapassa aquilo que está enquadrado. Ao escrever poesia a partir de fotografias, percebe-se que o poema nasce menos daquilo que a imagem mostra do que daquilo que ela sugere. O visível torna-se ponto de partida para uma experiência interior que exige linguagem para se realizar.

Essa dimensão imaginária aproxima a fotografia da poesia. Ambas operam por condensação, por recorte, por escolha. O fotógrafo seleciona um fragmento do mundo; o poeta seleciona um fragmento da experiência. Entre esses dois gestos, estabelece-se um campo de diálogo no qual a imagem pode tornar-se matéria poética.

3 Revelação, olhar e linguagem

Octavio Paz compreende a poesia como forma de revelação. Para o autor, o poema não descreve o mundo, mas o recria, tornando visível aquilo que antes permanecia oculto (PAZ, 1956). A palavra poética não é apenas comunicação, mas acontecimento. Algo se transforma quando o poema surge, tanto no sujeito que escreve quanto naquele que lê.

A fotografia pode participar desse mesmo movimento. Ao olhar uma imagem, não vemos apenas aquilo que está diante de nós, mas aquilo que se forma em nossa percepção. A visão nunca é neutra; ela está carregada de memória, de afetos e de experiências anteriores. Quando a escrita poética se aproxima da fotografia, o poema nasce justamente desse encontro entre o visível e o vivido.

Nesse processo, a linguagem não reproduz a imagem, mas a atravessa. O poema não procura explicar a fotografia, e sim prolongar sua força. Escrever torna-se uma forma de continuar olhando, de manter aberta a experiência que a imagem provocou.

4 O punctum e o detalhe que fere

Roland Barthes, ao refletir sobre a fotografia, introduz o conceito de *punctum*, entendido como o detalhe que toca o observador de maneira inesperada. Segundo Barthes (1980), o *punctum* não é algo planejado, mas algo que emerge no encontro entre a imagem e quem a vê. É o ponto que interrompe a leitura objetiva e produz um efeito afetivo.

Na escrita poética, algo semelhante pode ocorrer. Há fotografias que parecem silenciosas até que um detalhe — uma sombra, um gesto, uma expressão — se torna insistente. O poema nasce desse ponto de intensidade. Não se trata de descrever a fotografia, mas de responder ao que nela provoca inquietação.

O *punctum* pode ser compreendido como o instante em que a imagem exige palavras. O poema surge como tentativa de prolongar esse impacto, mesmo sabendo que a linguagem nunca conseguirá reproduzi-lo completamente.

5 Trabalho poético e construção da forma

Paul Valéry insiste na ideia de que o poema não é apenas resultado de inspiração, mas de trabalho rigoroso com a linguagem. Para Valéry (1939), a criação poética envolve escolha, revisão e elaboração constante. O poeta não apenas recebe a imagem; ele a transforma por meio da forma.

Quando se escreve a partir de fotografias, essa dimensão construtiva torna-se evidente. A imagem pode provocar o primeiro impulso, mas o poema exige organização verbal. É preciso decidir o que será dito, o que será omitido, que ritmo dará forma à experiência. A fotografia fixa o instante; o poema o desloca.

Nesse processo, escrever poesia é também aprender a ver novamente. Cada verso funciona como um novo enquadramento, uma nova tentativa de compreender aquilo que a imagem sugeriu.

6 Tradição, memória e experiência individual

T. S. Eliot afirma que todo poema nasce em diálogo com a tradição. Para o autor, a experiência individual só se torna plenamente significativa quando se insere em uma continuidade histórica (ELIOT, 1919). O poeta escreve a partir de si, mas também a partir de tudo o que foi escrito antes.

A fotografia, embora seja arte moderna, participa dessa mesma rede de memória cultural. Ao escrever a partir de imagens, o sujeito não está apenas diante de um objeto isolado, mas de um conjunto de referências visuais e simbólicas que atravessam sua formação. O olhar é sempre histórico.

Em língua portuguesa, a poesia de Carlos Drummond de Andrade demonstra como o poema pode surgir de um detalhe aparentemente simples. Segundo Andrade (2002), a poesia pode nascer de uma cena cotidiana, de um objeto comum, de um instante mínimo. Esse gesto aproxima o poeta do fotógrafo: ambos procuram no fragmento uma forma de compreender o todo.

Abaixo, segue uma fotografia captada pelo autor bem como uma poesia também escrita por ele, que tem como objetivo exemplificar como a captura de uma imagem suscitou a inspiração para a escrita do poema. Não há no texto qualquer pretensão de descrever o que o autor viu quando fez a

fotografia, mas como o resultado da captura daquela imagem gerou na mente, na imaginação do autor a inspiração para escrita poética, que por conseguinte gerou também a poesia.

Então Eu Sou Flor

*Olho para baixo
Como quem procura o chão
Ando na escuridão
Toco, a procura de tua mão*

*Me curvo
Como quem procura a rendição
Me sinto cansado
Sem destinação*

*Busco
Como quem procura encontrar
Um caminho, um norte, um lar
Simplesmente onde ficar*

*Espero
A chuva para me regar
O sol para me aquecer
A vida em mim renascer*

*Então eu sou flor
Desejando que cresça amor
Esperando o pássaro chagar
E minha poesia beijar*

7 Considerações finais

Escrever poesia a partir da fotografia é habitar um espaço intermediário entre o ver e o dizer. A imagem oferece um limite; a palavra tenta ultrapassá-lo. O poema não repete a fotografia, assim como a fotografia não ilustra o poema. Entre as duas formas existe uma tensão produtiva, um intervalo onde a criação se torna possível.

A reflexão teórica permite compreender esse processo como experiência de imaginação, revelação, construção e memória. No entanto, permanece sempre um aspecto pessoal, impossível de reduzir a conceitos. Cada fotografia provoca uma resposta diferente, e cada poema é tentativa de dar forma a algo que não se deixa fixar completamente.

Talvez seja nesse descompasso que reside a força da escrita poética. A fotografia detém o instante; a poesia o reabre. Entre a imagem e o verso, permanece um espaço de incerteza — e é nesse espaço que o poema continua a nascer.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1957.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ELIOT, T. S. **Tradition and the Individual Talent**. London: Faber & Faber, 1919.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Perspectiva, 1939.

COMO CITAR

DUARTE, Roberto. ENTRE A IMAGEM E O VERSO: POESIA E FOTOGRAFIA COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA: Roberto Souto Duarte Pinheiro. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-a-imagem-e-o-verso-poesia-e-fotografia-como-experiencia-de-escrita>.